



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

II

Discurso do Senhor Presidente da
República, Itamar Franco, durante
os cumprimentos de final de ano e almoço
de confraternização com
os Oficiais-Generais, no Clube da
Aeronáutica — DF.
Brasília, DF, 9 de dezembro de 1993.

Senhores Ministros,
Senhores Oficiais promovidos ao Generalato,
Senhores Oficiais das Forças Armadas,
Senhoras e Senhores,

O momento difícil vivido por todos exige uma manifestação clara e incisiva do Chefe do Poder Executivo. O Estado não pode ser visto com desprezo por ninguém, e muito menos pelos que servem à Nação, a ele servindo.

Como a mais importante instituição da Pátria, o Estado deve ter o respeito que dedicamos às coisas sagradas. Quando determinados integrantes de compartimentos do poder que recebem a missão de cuidar do Estado, o desrespeitam, não temos como exigir dos outros cidadãos que o respeitem. A crise do Estado é, desta forma, a crise de sua respeitabilidade.

Nossa história política, como, de resto, a história política das nações, tem sido a da busca de respeitabilidade para as instituições, conforme as circunstâncias de cada tempo. Essa respeitabilidade não se obtém apenas com a força das leis e jamais é conseguida com a repressão policial. Os governos tidos como fortes só são possíveis quando o Estado é fraco. Governo e Estado realmente fortes são aqueles que se fundamentam nos sentimentos mais nobres dos homens. São senti-

mentos que não expressam na grandiloquência dos demagogos, mas se revelam nos momentos decisivos que a vida reserva, como oportunidade de grandeza, a qualquer um de nós.

São momentos como o que nos deixou Marcílio Dias, ferido, chamando os camaradas ao brío; ou o momento em que nossos pracinhas, varando os campos desconhecidos e frios da Itália, escalaram Monte Castelo.

Ou ainda, o instante em que a Pátria se eleva aos céus e se concentra na solidão do piloto, em seu vôo de patrulha. Os mesmos olhos que fitam o horizonte além da fronteira invisível do espaço caem com ternura sobre os campos e selvas do território que nos pertence. No mesmo momento, em qualquer pista na imensidão de nossa soberania, haverá sempre um avião da FAB descendo, com socorro ou com ânimo, para dizer aos brasileiros, dispersos pela geografia, que a Pátria é única e que os sonhos e sacrifícios de hoje serão a glória que o futuro celebrará.

Estes sentimentos, estejam certos, habitam a alma de nossa gente mais simples, e é com eles que a Pátria pode contar em suas horas graves.

Senhores Oficiais,
Senhoras e Senhores,

Tenho, dia a dia, procurado conduzir o governo na busca de novos caminhos, mas sou obrigado a confrontar-me com terríveis obstáculos. Infelizmente, nem todos pensam no País como uma sociedade dos que aqui nasceram e para aqui vieram trabalhar e viver. Os projetos de realização pessoal, marcados pelo egoísmo, muitas vezes têm prevalecido sobre o interesse nacional.

Devemos ter em mente que não pode haver direito adquirido na injustiça e na violação dos princípios imemoriais, que dão a cada homem o mesmo peso diante da vida e diante de Deus. Não preciso lembrar a miséria que nos ofende.

Sinto que nos próximos meses decidiremos o destino nacional. Temos que prosseguir resolutamente a tarefa de restauração do Estado para que, sobre seus pilares, a sociedade se organize.

Estou enviando ao Congresso Nacional propostas de reformas constitucionais e de leis complementares ordinárias que considero indispensáveis ao saneamento da República e à reestruturação do Estado. Estou certo de que não faltará aos legisladores a percepção da extrema gravidade da hora, nem o apoio do povo às medidas que a consciência nacional está exigindo.

Há poucos momentos tive ocasião de cumprimentar muitos dos Senhores pela ascensão à mais elevada hierarquia no serviço armado. Sei que toda promoção traz ao promovido dois poderosos sentimentos que aparentemente se contradizem, mas na realidade se completam: o do justo orgulho, com sua alegria, e o da severa preocupação frente aos novos encargos e crescidas obrigações. Regozijo-me com a sua alegria, e compartilho, de forma ainda mais grave, tendo em vista a dimensão dos meus deveres, de sua preocupação.

Se todas as horas são difíceis na vida dos povos, é inegável que vivemos, em nosso País e no mundo, tempo de imensas transformações. Ignorá-las serviria apenas para adiar confrontos e torná-los mais duros e mais dramáticos. É preciso examinar as causas do cansaço da civilização e da decadência dos Estados, e ver, com olhos rigorosos, o que se passa dentro de nossas próprias fronteiras. Para preservar o

Estado Democrático, teremos que restabelecer os seus alicerces éticos.

Para que haja ordem e liberdade é que os Estados constroem leis justas e sábias. Quando essas leis envelhecem e não servem mais à justiça, cumpre-nos reformá-las e ajustá-las à vontade do povo.

Nada é mais despojado de arrogância do que a nossa bandeira desfraldada em mastro rústico, à frente de qualquer destacamento militar da fronteira amazônica, muitas vezes erguido com troncos de árvores e coberto de palmas, e nada é mais belo e mais emocionante do que o estandarte da Pátria tremulando ao vento, como uma labareda de fé.

Senhores Oficiais-Generais, a síntese desta mensagem é uma idéia muito familiar aos Senhores, desde seus tempos de aspirantes e cadetes — desafio.

Desafio que as Forças Armadas do Brasil vêm enfrentando com otimismo, criatividade, disciplina, patriotismo e honradez, apesar das seguidas conjunturas desfavoráveis que já fizeram esmorecer alguns setores da Nação.

Por isso, no dia de hoje, sinto-me particularmente feliz por estar aqui, nesta confraternização anual. Recebo a homenagem com especial satisfação, por entender que, na sua singeleza, este almoço simboliza o apreço, a lealdade e a amizade que todos os integrantes das Forças Armadas dedicam a seu comandante supremo. São sentimentos tão arraigados na sua formação, que não se deixam abalar pelas vicissitudes orçamentárias que impedem a atualização e o aperfeiçoamento do material bélico e a remuneração à altura do seu valor e importância.

Na proximidade do Natal e do fim do ano, em que nos afastamos temporariamente de nossas preocupações, anseios

e problemas da árdua luta diária, para nos envolvermos em momentos de alegria, paz e camaradagem, como este, sentimo-nos retemperados para a jornada que ainda está por vir.

Que o Natal seja de paz e que o Ano Novo marque o fim das dificuldades que nos têm afligido.

Muito obrigado.